

CORREIO CULTURAL

Longa dirigido por Johnny Depp é destaque



Divulgação

Roberta apresentará algumas canções autorais

Roberta Spindel faz show autoral no Blue Note Rio

“Nesse show apresento algumas canções autorais, parcerias minhas com novos e já consagrados compositores. Cantarei também algumas das músicas que gravei com Caetano, Ney, Zeca baleiro. Tem uma surpresa: uma música inédita. Vou partilhar com o público uma composição super recente. Tocar na cidade em que nasci é sem-

pre muito especial pra mim.” Assim Roberta Spindel apresenta Alma Água hoje (26), às 22h30, no Blue Note Rio, em Copacabana. Além da música-tema, canta “Mais uma vez”, que gravou com Suricato, “Eu chamo de coragem”, com Zeca Baleiro, “Sangue Latino”, com Ney Matogrosso, “Perdida em alto mar” e “Queda livre”.

Orquestra I

A Orquestra Petrobras Sinfônica realiza um concerto do seu Quinteto de Metais de forma gratuita no sábado (28), às 20h. A apresentação, que contará com repertório variado de obras brasileiras e populares, e acontece no Leão Etíope do Méier.

Donato, sempre

Produzido a quatro mãos pela cantora/pianista Leila Pinheiro e o cantor e multi-instrumentista Ricardo Bacelar, o álbum Donato (Jasmin Music) chega às plataformas na sexta (27), trazendo novas leituras para obras de João Donato (1934/2023)

Orquestra II

A Orquestra Petrobras Sinfônica vai realizar um concerto de integração com sua Academia Juvenil, composta de jovens entre 15 e 20 anos, no domingo (29), às 11h, na Sala Cecília Meireles, pelo valor de R\$2 (inteira) e R\$1 (meia-entrada).

Arnaldo Brandão

“Noite do Prazer”, “Totalmente Demais”, “O Tempo não Para”, “Rádio Blá”... Estas são apenas algumas das pérolas imortalizadas na extensa galeria de Arnaldo Brandão, que celebra 50 anos de carreira no Dolores Club, na Lapa, sexta (27), às 20h.



Pacino explode nas telas em 1971, um tempo de transformação nos EUA. Caracterizado por uma profusão de rebeldes com causa e com câmera, o cinema americano dos anos 1970 representou uma espécie hemodíalise poética da imagem. Para entendê-la é necessário voltar no tempo. Houve uma vez um verão, o de 1967, no qual o cinema americano engajou-se numa bossa nova para seus padrões, diante de dois filmes “Bonnie & Clyde - Uma Rajada de Balas”, de Arthur Penn, e “A Primeira Noite de um Homem”, de Mike Nichols. Em ambos, dois diretores com experiências em outras mídias (o primeiro vem da TV; o segundo vem do teatro) contextualizaram a juventude dos EUA sob uma ótica alarmista de percepção do cerceamento moral e da violência das instituições, seja pela carece da Família seja no chumbo quente do Estado. Dali para frente, a filmografia do Tio Sam tomou uma curva à esquerda, imbuindo-se do espírito cinemanovista – aquele que pariu Truffaut, embalou Bertolucci, ninou Polanski, pôs Glauber para arrotar – para tirar cascas das feridas nas veias abertas da América profunda.

Naquele momento, uma trupe surgiu com uma proposta de



SSIFF

Al Pacino volta às telas brasileiras hoje em Pacto de Redenção

engajamento social, político, comportamental e estético. Entre eles estavam Francis Ford Coppola (“A Conversação”), Martin Scorsese (“Taxi Driver”), Peter Bogdanovich (“A Última Sessão de Cinema”), Bob Rafelson (“Cada Um Vive Como Quer”), Michael Cimino (“O Franco Atirador”), Bob Fosse (“Cabaret”), Jerry Schatzberg (“O Espantalho”), Hal Ashby (“Muito Além do Jardim”), a esquecida Elaine May (“O Rapaz Que Partia Corações”), George Lucas (“Star Wars – Episódio IV: Uma Nova Esperança”) e um certo Steven (o do “Tubarão” e de “Contatos Imediatos do 3º Grau”)... aquele tal de Spielberg. Ponha ao lado deles ficcionistas mais velhos, como Robert Altman (“M.A.S.H.”), John Cassavetes (“Maridos”), Monte Hellman (“Briga de Galo”), Sidney Lumet (“Serpico”) e o já citado Pollock (“A Noite dos Desesperados”). Embora muitos se esqueçam, foi aí que Woody Allen (“Bananas”) apareceu. Essa patota trouxe para o primeiro plano da tela as varizes éticas que impediam a oxigenação do sangue americano.

Não apenas de ficcionistas viveu este clubinho de talentos, que tomou a ousadia de questionar os cânones de Hollywood. A partir de 1969, um time de documentaristas de peso como Shriley Clarke (“For Life, Against The War”), Peter Davis (“Corações e Mentes”), Michael Wadleigh (“Woodstock”), Arnold Perl (“Malcolm X”), o jovem Taylor Hackford (“Bukowski”) e até o ascendente Martin Scorsese (“ItalianAmerican”) fizeram do real um espaço de meditação e de investigação. Eles levaram para a esfera documental todas as reflexões que os Easy Rider depuraram em road movies, dramas, comédias e thrillers, criando nas franjas da não ficção um bunker para a discussão do papel revolucionário das câmeras na mão.

Pacino se lançou como diretor de longas com uma narrativa de tons documentais, chamada “Ricardo III – Um Ensaio”, lançado em 1996, ano em que o Festival de San Sebastián (onde hoje ele volta a ser aclamado, por Modi), deu a ele um troféu honorário, o prêmio Donostia. Na ocasião, Pedro Almodóvar lhe entregou a honraria, celebrando o espírito da época que o oscarizado protagonista de “Perfume de Mulher” (1992) encarna.